



***SANGRAR É VERBO: NARRATIVAS MENSTRUAIS E OS SILÊNCIOS
ROMPIDOS NA LITERATURA INFANTOJUVENIL***

***SANGRAR ES VERBO: NARRATIVAS MENSTRUALES Y LOS SILENCIOS
ROTOS EN LA LITERATURA INFANTIL Y JUVENIL***

***BLEEDING IS A VERB: MENSTRUAL NARRATIVES AND BROKEN SILENCES
IN CHILDREN'S AND YOUNG ADULT LITERATURE***

Michelle Brugnera Cruz Cechin¹

Cristianne Maria Famer da Rocha²

RESUMO

Este artigo busca analisar as transformações do ativismo e da educação menstrual nas últimas décadas, com foco nas representações da menstruação em narrativas contemporâneas da literatura infantojuvenil. Parte-se da compreensão de que os discursos sobre o corpo e a sexualidade são historicamente construídos e disputados, e que a literatura voltada ao público jovem tem se tornado um espaço fértil para a problematização de temas tradicionalmente silenciados, como a menstruação. O estudo busca responder à seguinte questão: como as transformações culturais em relação à menstruação causaram efeitos na literatura infantojuvenil? Trata-se de um estudo de caráter exploratório e preliminar, fundamentado em revisão crítica de literatura e na análise de iniciativas culturais e educativas vinculadas ao ativismo menstrual. A discussão se apoia nos Estudos Culturais e em autoras que investigam os efeitos das narrativas sobre subjetividades, corpos e práticas educativas, bem como em estudos sobre a pedagogização da cultura. Inicialmente, são discutidas as mudanças culturais e políticas que marcam a chamada virada menstrual. Em seguida, analisam-se produções acadêmicas que exploram o potencial educativo da literatura infantojuvenil no campo da educação menstrual. Ao final, propõe-se uma reflexão sobre como essas narrativas podem operar como dispositivos pedagógicos que contribuem para a construção de saberes sobre o corpo, o gênero e os direitos menstruais.

PALAVRAS-CHAVE: Menstruação. Literatura Infantojuvenil. Educação Menstrual. Ativismo. Estudos Culturais.

¹ Doutoranda em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio grande do Sul, Brasil.

² Doutora em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio grande do Sul, Brasil.

RESUMEN

Este artículo busca analizar las transformaciones del activismo y de la educación menstrual en las últimas décadas, con énfasis en las representaciones de la menstruación en narrativas contemporáneas de la literatura infantil y juvenil. Se parte de la comprensión de que los discursos sobre el cuerpo y la sexualidad son construidos y disputados históricamente, y de que la literatura dirigida al público joven se ha convertido en un espacio fértil para la problematización de temas tradicionalmente silenciados, como la menstruación. El estudio busca responder a la siguiente pregunta: ¿cómo las transformaciones culturales en torno a la menstruación han producido efectos en la literatura infantil y juvenil? Se trata de un estudio de carácter exploratorio y preliminar, fundamentado en una revisión crítica de la literatura y en el análisis de iniciativas culturales y educativas vinculadas al activismo menstrual. La discusión se apoya en los Estudios Culturales y en autoras que investigan los efectos de las narrativas sobre las subjetividades, los cuerpos y las prácticas educativas, así como en estudios sobre la pedagogización de la cultura. Inicialmente, se discuten los cambios culturales y políticos que marcan el llamado giro menstrual. Luego, se analizan producciones académicas que exploran el potencial educativo de la literatura infantil y juvenil en el campo de la educación menstrual. Finalmente, se propone una reflexión sobre cómo estas narrativas pueden operar como dispositivos pedagógicos que contribuyen a la construcción de saberes sobre el cuerpo, el género y los derechos menstruales.

PALABRAS-CLAVE: Menstruación. Literatura Infantil y Juvenil. Educación Menstrual; Activismo; Estudios Culturales.

ABSTRACT

This article seeks to analyze the transformations of activism and menstrual education in recent decades, with a focus on the representations of menstruation in contemporary children's literature. It starts from the understanding that discourses on the body and sexuality are historically constructed and disputed, and that literature aimed at young audiences has become a fertile space for problematizing traditionally silenced themes, such as menstruation. The study seeks to answer the following question: how have cultural transformations in relation to menstruation affected children's literature? This is an exploratory and preliminary study, based on a critical review of the literature and an analysis of cultural and educational initiatives linked to menstrual activism. The discussion is based on Cultural Studies and authors who investigate the effects of narratives on subjectivities, bodies and educational practices, as well as studies on the pedagogization of culture. Initially, the cultural and political changes that mark the so-called menstrual turn are discussed. This is followed by an analysis of academic productions that explore the educational potential of children's literature in the field of menstrual education. Finally, a reflection is proposed on how these narratives can operate as pedagogical devices that contribute to the construction of knowledge about the body, gender and menstrual rights.

KEYWORDS: Menstruation. Children's and Young Adult Literature. Menstrual Education. Activism. Cultural Studies.

* * *

A Virada Linguística da Menstruação

A menstruação é um fenômeno tão antigo quanto a própria humanidade. Estima-se que aproximadamente metade da população mundial menstrua ou já menstruou em algum momento da vida. Apesar disso, o tema permanece envolto em tabus que permeiam a educação, a política e a cultura contemporânea. As pessoas que menstruam são frequentemente representadas de forma pejorativa, e a menstruação tem sido tratada, majoritariamente, como um tema restrito aos discursos médicos e à esfera privada. Além disso, constitui um fator que contribui para o aprofundamento das desigualdades sociais. No entanto, esse panorama tem passado por mudanças significativas nos últimos anos.

Tem-se observado um crescente debate em torno da educação, da saúde e da pobreza menstrual, uma problemática que impacta negativamente a vida de muitas pessoas, sobretudo daquelas cujos direitos fundamentais — como acesso à saúde, moradia, educação, saneamento básico, água potável, produtos de higiene e educação sexual e reprodutiva — são violados. De acordo com o relatório *Pobreza Menstrual no Brasil: desigualdades e violações de direitos* (UNICEF, 2021), mais de 60% dos adolescentes já deixaram de frequentar a escola ou outros espaços por causa da menstruação, e 22% das meninas brasileiras entre 12 e 14 anos não têm acesso a produtos higiênicos adequados durante o período menstrual.

Termos como *pobreza menstrual*, *dignidade menstrual*, *ciclar*, *mandalas lunares*, *pessoas que menstruam*³, *menstruantes*, *sujeitos menstruantes*, *homens que menstruam*, *coletores menstruais*, *absorventes biodegradáveis* e *calcinhas absorventes* emergiram nos últimos anos como parte de um novo vocabulário acerca da menstruação. Segundo Chris Bobel e Breanne Fahs (2020), a última década foi marcada por intensas transformações culturais impulsionadas por movimentos sociais que questionam e reformulam os discursos predominantes sobre a menstruação, produzindo impactos nas esferas política, econômica, social e educacional. Nesse contexto, parece-nos que estamos vivenciando uma virada linguística, nos moldes descritos por Tomaz Tadeu da Silva (2007), conforme proposto pelos Estudos Culturais. Trata-se, neste caso, de uma virada voltada às culturas menstruais, que evidencia mudanças significativas no modo

³ Compreendemos que nem todas as pessoas que menstruam são mulheres e nem todas as mulheres menstruam (Bobel *et al.*, 2020). Assim, para abarcarmos o público que menstrua, utilizamos a expressão “pessoas que menstruam”. Utilizamos os substantivos mulher e menina, bem como adjetivos e artigos femininos, para nos referirmos às personagens dos livros analisados, apresentadas como meninas e mulheres.

como o tema tem sido tratado, sustentadas por lutas por visibilidade, direitos, dignidade e políticas públicas.

Considerando que as identidades são constituídas pelos discursos que as enunciam, os Estudos Culturais (Silva, 2007) assumem que o mundo social é modelado na e pela linguagem. Com a virada linguística, a linguagem passa a ser compreendida não mais como um instrumento neutro, mas como constituidora dos próprios fenômenos que descreve. Cada período histórico constrói modelos hegemônicos e narrativas consideradas legítimas, que moldam os sujeitos. Nesse sentido, conforme argumenta Jorge Larrosa (1996), as narrativas produzem identidades, partindo-se da premissa de que somos aquilo que contamos e aquilo que nos é contado, influenciados pelos espaços, tempos e vozes que compõem essas narrativas. O discurso, portanto, assume um papel central na formulação dos processos identitários.

Na contemporaneidade, a educação ultrapassa os limites das instituições formais, como a escola, a universidade ou a igreja, e passa a ocorrer em uma multiplicidade de esferas sociais — mídia, cinema, brinquedos, literatura, esportes, vestuário — configurando o que Henry Giroux (1995a; 1995b; 2004) denomina de sociedade pedagogizada, atravessada por diversas pedagogias culturais. Grandes corporações e instituições passaram a organizar um verdadeiro currículo cultural, que ensina modos de ser e de agir, estruturado por dinâmicas comerciais, impactando profundamente a construção social das identidades (Giroux, 2004).

Nesse contexto, observa-se que temas tradicionalmente considerados sensíveis ou inadequados para o público infantojuvenil — como desigualdade social, deficiências, doenças, morte, abuso sexual e menstruação — têm sido incorporados pelo mercado editorial voltado à literatura para crianças e jovens. Tal movimento vem sendo analisado por autoras como Teresa Colomer (2003) e Rosa Maria Hessel da Silveira e Bruna Rocha Silveira (2016), e também tem sido alvo de críticas e processos de censura, conforme demonstram os estudos de João Luís Ceccantini, Eliane Galvão e Thiago Alves Valente (2024). Isso revela uma disputa em torno dos sentidos e das formas de narrar tais temas, protagonizada por distintas vozes e interesses.

Este ensaio teórico-reflexivo parte de uma abordagem inspirada nos Estudos Culturais, compreendendo as narrativas como dispositivos que produzem subjetividades e disputam sentidos sobre o corpo, o gênero e a sexualidade. Trata-se de um estudo preliminar, que busca mapear o estado da arte e fundamentar teoricamente futuras análises críticas de obras literárias infantojuvenis que abordam a menstruação. A seleção

de obras literárias e estudos acadêmicos relacionados à menstruação foi guiada por critérios de relevância discursiva e cultural, com foco em produções das últimas décadas que abordam explicitamente a menstruação na literatura infantojuvenil e no contexto da educação menstrual. As decisões de recorte buscaram refletir tendências contemporâneas e suas implicações pedagógicas, sem a pretensão de esgotar o tema. A opção pela forma ensaística se justifica pela necessidade de articular criticamente diferentes campos — literatura, ativismo, educação e cultura — à luz de referenciais teóricos que privilegiam os discursos e suas implicações sociopolíticas, como Foucault (1996; 2019; 2020), Larrosa (1996), Bobel e Fahs (2020) e Calafell (2020).

Diante das transformações recentes na cultura e na educação menstrual, bem como do crescente interesse do mercado editorial por temas sensíveis, o presente ensaio se propõe a refletir sobre como essas mudanças culturais impactaram a literatura infantojuvenil. Nosso objetivo é analisar as transformações no ativismo e na educação menstrual nas últimas décadas, e examinar como a literatura infantojuvenil tem sido mobilizada como dispositivo pedagógico em consonância com essas mudanças. Com base nos estudos de Chris Bobel e Breanne Fahs (2020), e de Núria Calafell Sala (2020), abordamos inicialmente as transformações culturais e na educação menstrual. Em seguida, revisamos trabalhos que investigam como as obras literárias têm sido utilizadas no contexto da educação menstrual. Por fim, mobilizamos análises de inspiração foucaultiana (Foucault, 1996; 2019; 2020) sobre as relações de poder, subjetividade, verdade e corpo, além de autoras que investigam os efeitos das narrativas sobre menstruação no campo da literatura infantojuvenil e suas implicações pedagógicas.

Movimentos, Ativismo e Narrativas Menstruais

A partir da década de 1970, uma série de eventos, estudos e manifestações culturais marcou o início de uma reconfiguração simbólica e política da menstruação. A fundação da *Society for Menstrual Cycle Research* (1977) por pesquisadoras feministas e a publicação da crônica satírica *If Men Could Menstruate*, de Gloria Steinem (1978), não apenas desafiaram o silêncio em torno do tema, como também inspiraram uma geração de ativistas, artistas e intelectuais a tratar a menstruação como um fenômeno social, político e cultural (Steinem, 2012).

Esse processo se intensifica na década de 1980, com episódios como o surto de *Síndrome do Choque Tóxico* (Bobel, 2020) associado ao uso de absorventes internos

descartáveis. Tal evento despertou debates sobre os riscos da medicalização e da mercantilização da menstruação, articulando pautas de saúde pública com desigualdades de acesso a produtos de higiene menstrual — especialmente em contextos de vulnerabilidade social. Medidas como a isenção de impostos sobre absorventes em países como Quênia, Canadá, Índia e Austrália, assim como a distribuição gratuita desses itens em instituições públicas, indicam um reposicionamento do debate sobre a menstruação como questão de justiça social (Bobel, 2020).

A partir de 2015, observa-se um ponto de inflexão no debate público global, identificado pela revista *Cosmopolitan* como "o ano em que a menstruação se tornou pública". Campanhas e movimentos nas redes sociais, com as *hashtags*⁴ #PeriodsArNotaInsult #TheHomelessPeriod #JustaTampon (Cosmopolitan, 2015), ampliaram a visibilidade do tema e questionaram o tabu menstrual em escala global. Performances artísticas como a de Rupri Kaur e o lançamento de um *emoji*⁵ dedicado à menstruação pela *Plan International UK* foram marcos simbólicos desse novo momento, em que se articula estética, política e ativismo (The Guardian, 2019; Plan International UK, 2023).

Nesse mesmo ano, o documentário de curta-metragem *Absorvendo o Tabu*, de Rayka Zehtabchi (2019) foi premiado pelo Oscar na categoria *Melhor Documentário de Curta Metragem*, e retrata a realidade de mulheres na Índia que ainda sofrem com o estigma da menstruação. Em 2022, foi lançado o primeiro longa-metragem de animação sobre o tema, *Red: Crescer é uma Fera*, de Domee Shi (2022) pela *Walt Disney e Pixar*, em um impressionante hiato temporal sobre o tema, já que a primeira produção sobre o tema, pelos estúdios *Disney*, foi *Story of Menstruation*, de Jack Kunney, em 1946. O período menstrual, na recente produção, é retratado pela transformação da menina *Mei* em um panda vermelho gigante e, posteriormente, foram lançadas duas histórias em quadrinhos do filme. A consagração destas produções ampliaram a inserção do tema no campo da cultura de massas, especialmente entre o público infantojuvenil, oferecendo narrativas que desestabilizam o imaginário da menstruação como algo vergonhoso ou invisível.

⁴ *Hashtags* são palavras-chave, termos ou frases associados a uma informação, tópico ou discussão que se deseja indexar de forma explícita, usadas nas redes sociais, compostas pela palavra-chave do assunto antecedida pelo símbolo cerquilha.

⁵ Os *emojis* são ideogramas usados em mensagens eletrônicas e páginas web. No caso da menstruação, o *emoji* é um pingo vermelho, representando o sangue menstrual.

A linha de pesquisa internacional, *Critical Studies of Menstruation*, é formalmente inaugurada por Chris Bobel e colaboradoras, em 2020, com a publicação *The Palgrave Handbook of Menstruation* (Bobel et al., 2020), que reúne estudos transdisciplinares e multidimensionais da menstruação, questionando como os sistemas de poderes e saberes são constituídos e quais grupos sociais são beneficiados e prejudicados por estas estruturas sociais. A obra reúne estudos antropológicos, teológicos, culturais, além de relatos autobiográficos, com 72 capítulos escritos por autoras de diversas nacionalidades e a reedição da crônica *Of Men Could Menstruate* (Steinem, 2020). Este livro está organizado em quatro sessões: *Menstruation as Fundamental; Menstruation as Embodied, Menstruation as Rational, Menstruation as Structural; Menstruation as Narrative*.

Ainda assim, como aponta Bobel (2020), mesmo obras de referência como *The Palgrave Handbook of Critical Menstruation Studies*, embora avancem em múltiplas frentes — incorporando perspectivas de mulheres com deficiência, pessoas trans e experiências diversas — ainda não incluem uma análise específica da literatura infantojuvenil, o que indica uma lacuna importante a ser preenchida.

Na América Latina, a menstruação também passou a ser um tema amplamente debatido a partir do ano de 2015, mais precisamente a partir do dia 3 de junho, em que ocorreram muitas manifestações a respeito do movimento *Ni una a Menos* (Sala, 2020). Neste movimento, iniciado na Argentina, muitas mulheres saíram às ruas para protestar contra o grande número de feminicídios ocorridos em cidades argentina. Posteriormente, os protestos ocorreram também em cidades do Chile e do Uruguai e tiveram grande clamor e repercutiram internacionalmente, trazendo para o debate público as múltiplas violências que meninas e mulheres sofrem na América Latina, incluindo o aspecto político e social da menstruação, como o movimento da *Ginecologia Natural*, que ganhou grande visibilidade a partir destas manifestações.

O movimento da *Ginecologia Natural* surgiu com o trabalho da ativista e parteira tradicional chilena Pabla Pérez San Martín (2020), com o projeto *Ginecosofia: Sabedoria Ancestral das Mulheres*, que buscava restaurar saberes e práticas ancestrais de cuidado ginecológico dos povos originários de diferentes territórios da América Latina. Em seu *Manual Introdutório da Ginecologia Natural* (Martín, 2020), a ativista indica ervas, chás, práticas de autocuidado, mapeamento do ciclo menstrual pelos ciclos lunares e outras práticas que a autora recolheu, ao vivenciar a prática como parteira em diferentes povos.

A partir do movimento *Ni una a Menos* e da *Ginecologia Natural*, muitas ativistas feministas passaram a se dedicar a promover projetos de educação, terapia e ativismo menstrual, muitas delas utilizando meios digitais e redes sociais para promover cursos, vídeos, informações, oficinas e comercializar produtos de higiene menstrual.

Um projeto que se destaca pela luta da visibilidade menstrual e pelo ativismo em prol da dignidade das pessoas que menstruam é a *Escuela de Educación Menstrual Emancipadas*, da Colômbia, idealizada pela psicóloga Carolina Ramírez (2023a). A Escola oferece cursos de formação para educadoras menstruais, além de oficinas e encontros de educação emancipatória, fundamentada em epistemologias decoloniais, buscando formas de autocuidado e gestão do ciclo menstrual menos colonizadas, com base em saberes ancestrais advindos das culturas originárias da América Latina. Desde 2019, a Escola promove o *Encuentro Latinoamericano de Prácticas de Educación Menstrual*, cuja quarta edição foi sediada no Brasil, entre os dias 26 e 28 de maio de 2023, em São Paulo. A descrição do evento apresenta o seguinte propósito:

Inspirada na educação popular e em pedagogias emancipatórias, o propósito é difundir, reconhecer e tornar visível a produção de conhecimento em educação, saúde e ativismo menstruais na América Latina e no Caribe. Um poderoso encontro de pessoas que acreditam que a educação menstrual é uma força transformadora. Além disso, queremos consolidar uma rede de educadoras, ativistas e promotoras da saúde menstrual, posicionando narrativas menstruais construídas a partir dos territórios que apostam na transformação do tabu menstrual. O encontro é um exercício de decolonialidade do saber, já que legitima mulheres e pessoas que menstruam que constroem saberes, que escrevem do sul, anunciam do sul e resistem do sul aos conceitos, narrativas e práticas impostas pelo neoliberalismo e pelas práticas imperialistas que geram opressão, subordinação e distorção das compreensões da menstruação. (4to Encuentro Latinoamericano de Prácticas de Educación Menstrual, 2023, tradução nossa)

A Escola edita a revista *Menstrúa*, proposta como “uma estratégia de resistência aos discursos opressivos que historicamente definiram o ‘feminino’ com base em seus interesses e que deixaram as mulheres cativas à precariedade” (*Escuela de Educación Menstrual Emancipadas*, 2023, tradução nossa, grifo no original). Na primeira edição, *Menstrúa: Revista de Educación Menstrual en Abya Yala* (2023b), foram publicados artigos dos trabalhos apresentados e oficinas realizadas no 3º *Encuentro Latinoamericano de Prácticas de Educación Menstrual*, realizado em Guadalajara, México. A segunda edição - *Menstrúa: por la educación, la salud y los activismos menstruales en Abya Yala* (2023b) - apresenta reflexões e práticas de grupos de ativistas na América Latina. Segundo a Revista:

Abya Yala remete-nos, não só ao Povo Cuna ou ao passado, mas a uma diversidade de Povos vivos que partilham uma visão de indivisibilidade do território e que reconhecem que o sustento da vida obedece às leis da Terra e não às leis economia do capitalismo voraz. Para nós, as mulheres mestiças periféricas do México, que fazem ciência às margens, falando a partir do reconhecimento de *Abya Yala*, ganham sentido e importância por meio de trocas e aprendizados construídos com o abraço e o exemplo dos Povos Indígenas, Afrodescendentes e Zapatistas. Unidos no Congresso Nacional Indígena (CNI), que nos convocaram à Luta pela Vida, caminho que trilharam ao longo de mais de 500 anos de resistência e para o qual consideramos irmãos mais velhos na defesa da Dignidade Humana e na construção de “um mundo onde cabem muitos mundos”. (Ramírez, 2023b, tradução nossa, grifos no original)

O Projeto *Princesas Menstruantes* (2023c) foi o percurso da *Escuela*, dedicado à educação de meninas e seus familiares sobre menstruação, por meio de oficinas e publicações de materiais didáticos, como o jogo de tabuleiro *La Aventura del Óvulo*, de Carolina Ramírez (sem data) e de livros voltados para o público infantojuvenil, como a releitura de contos de fadas, como *El Vestido de Blancanieves se Manchó de Rojo* (Ramírez, 2016), seguindo a proposta de uma pedagogia emancipadora para meninas. O projeto – *Princesas Menstruantes-Narrativas Emancipadoras* - é apresentado da seguinte maneira em seu site:

(...) é nosso projeto líder em educação menstrual emancipatória na América Latina, desde 2015 desenvolve metodologias, didáticas e práticas responsáveis em ambientes comunitários e educacionais com o propósito de tornar a escola um local seguro para menstruar, transformando o tabu menstrual para gerar experiências valiosas. O projeto teve impacto em 9 países da América Latina e na Guiné Bissau na África, acompanhamos cerca de 15.000 meninas e adolescentes principalmente de territórios em situação de abandono do Estado. *Princesas Menstruantes* subverte histórias de princesas imaculadas que não menstruam e apresenta narrativas revolucionárias. O projeto recebeu diversos reconhecimentos locais e internacionais pela sua inovação e impacto na transformação das narrativas menstruais. (Ramírez, 2013, tradução nossa)

Em suas redes sociais, o Projeto apresenta fotografia das oficinas desenvolvidas nas escolas e ilustrações com informações sobre a menstruação e mensagens a respeito de sua pedagogia emancipadora, como afirmações de que a menstruação não transforma a menina em mulher, que os tabus da menstruação são uma forma de violência. As instituições escolares são apresentadas como espaços que violam sistematicamente os direitos das meninas, sendo local de inúmeras violências. O grupo apresenta diversas ações nas escolas e conscientização sobre as práticas que violam o direito à dignidade das meninas, especialmente em seus períodos menstruais.

Estes movimentos trouxeram ao debate público problemas e vivências das meninas, mulheres e pessoas que menstruam, um tema comumente relacionado ao

privado, como geralmente são tratadas as questões pertinentes às pessoas dissidentes. No Brasil, o Projeto de Lei número 4.968, de 2019 (Brasil, 2019), tratou pela primeira vez sobre o tema na legislação brasileira, propondo o *Programa de Proteção e Promoção da Saúde Menstrual*⁶. Contudo, em agosto de 2021, mesmo tendo sido debatido e aprovado pela Câmara e pelo Senado Federal, foi vetado pelo então Presidente da República, Jair Messias Bolsonaro.

O *Programa de Proteção e Promoção da Saúde e Dignidade Menstrual* (Brasil, 2019), no artigo 2º postula os seguintes objetivos principais: I) combater a precariedade menstrual, identificada como a falta de acesso a produtos de higiene e a outros itens necessários no período da menstruação ou a falta de recursos que possibilitem a sua aquisição; II) garantir os cuidados básicos de saúde e desenvolver os meios para a inclusão das pessoas que menstruam, em ações e programas de proteção à saúde e à dignidade menstrual; e, III) promover a dignidade menstrual.

A emergência do Projeto de Lei se deu em razão dos movimentos sociais das últimas décadas (Bobel *et al.*, 2010; Sala, 2020), cujo tema da dignidade menstrual surgiu a partir de denúncias referentes à pobreza menstrual vivenciada pelas pessoas que menstruam em diversos países, dos casamentos forçados de meninas, da situação precária de pessoas em privação de liberdade e da alta tributação sobre os produtos de higiene menstrual (Bobel *et al.*, 2020).

As denúncias iniciaram pelos movimentos sociais, ativistas menstruais e pelos grupos de pesquisadoras sobre o tema e ganharam maior visibilidade a partir de organizações que já defendiam o direito à dignidade das pessoas que menstruam em outros países, como o Fundo Internacional de Emergência das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) e a Organização das Nações Unidas (ONU). Ao final, tornou-se pauta também de grandes empresas multinacionais fabricantes de absorventes descartáveis, como afirma Isabel Cristina de Almeida Prado (2024).

Nos discursos da *Ginecologia Natural*, no Brasil, destacamos que uma série de

⁶ O *Programa de Proteção e Promoção da Saúde Menstrual*, atualmente denominado *Programa Dignidade Menstrual*, foi instituído pela Lei nº 14.214/2021 e visa combater a pobreza menstrual por meio da distribuição gratuita de absorventes a pessoas em situação de vulnerabilidade. Inicialmente vetado pelo então presidente Jair Bolsonaro, o veto foi derrubado pelo Congresso Nacional em 2022. Em 2023, o Ministério da Saúde retomou e expandiu o programa, com a previsão de atender milhões de mulheres em situação de vulnerabilidade. O programa continua em funcionamento, com distribuição feita por meio do Sistema Único de Saúde (SUS) e do Programa Farmácia Popular, beneficiando pessoas inscritas no Cadastro Único (CadÚnico), estudantes de escolas públicas e pessoas em situação de rua. Atualizações recentes indicam que, em 2025, o programa se expandiu e continua ativo, atendendo a um número crescente de beneficiários em todo o país (agenciabrasil.ebc.com.br, cedro.ce.gov.br, www12.senado.leg.br, brasildefato.com.br).

mentores, *coaches*⁷, especialistas e educadoras menstruais surgiram nos últimos anos, amparados por discursos de empoderamento feminino. Assim, produtos de higiene menstrual, agendas para controle do ciclo, cursos *on-line*, imersões, *workshops*, aplicativos e toda uma série de produtos foram apropriados pelas “tendas vermelhas⁸”, além de livros e manuais voltados para a educação menstrual.

A articulação dessas ações denuncia a precariedade menstrual como um fenômeno multifacetado, que envolve desde a ausência de saneamento básico até a violação sistemática de direitos em instituições escolares. Nesse sentido, a emergência de políticas públicas, como o *Programa de Proteção e Promoção da Saúde Menstrual no Brasil*, decorre de um acúmulo de lutas que atravessam diferentes campos — o jurídico, o acadêmico, o ativista, o artístico e o educacional. O que se desenha, portanto, é um campo de disputas e de produção de sentidos em torno da menstruação, no qual diferentes sujeitos — especialmente mulheres e pessoas que menstruam — passam a reivindicar não apenas visibilidade, mas também dignidade, autonomia e justiça menstrual.

Páginas Vermelhas: Educação, Censura e Menstruação na Literatura Infantojuvenil

A literatura infantojuvenil tem acompanhado o surgimento de discursos sobre a menstruação mediados por dispositivos pedagógicos, com o intuito de promover a educação menstrual, conforme apontam Janice Delaney, Mary Jane Lupton e Emily Toth (1988). Desde sua origem, o caráter didático dessa literatura firmou-se como prática cultural, consolidando-se enquanto instrumento intencional de disseminação de ideais e valores hegemônicos, além de meio de controle, governo e conformação dos sujeitos infantis, como observa Teresa Colomer (2003). Apesar da crescente ampliação do mercado editorial voltado para adolescentes nas últimas décadas, verifica-se ainda uma carência significativa de estudos que examinem criticamente os conteúdos dessas obras.

⁷ *Coaches* são profissionais que auxiliam seus clientes a atingir um objetivo profissional ou pessoal por meio de treinamentos e orientações em um processo denominado *coaching*.

⁸ Tenda Vermelha é uma denominação de práticas de meditação, autocuidado, rituais relacionados à menstruação, realizados individualmente ou em grupo, inspirado na obra *A Tenda Vermelha*, de Anita Diamant (2018), que trata da reclusão das mulheres no período menstrual, em uma releitura de narrativas bíblicas.

A revisão de literatura realizada para este estudo, a partir das bases *Google Acadêmico*, *SciELO* e *Latindex*, identificou cinco trabalhos relevantes publicados nos últimos dez anos, utilizando os descritores: *menstruação*, *literatura infantojuvenil*, *literatura infantil*, *adolescência* e *livros*. Foram excluídas revisões teóricas desvinculadas da literatura voltada ao público infantojuvenil, bem como análises de obras destinadas ao público adulto.

No artigo *They Are Not All Wolves: Menstruation, Young Adult Fiction and Nuancing the Teenage Boy*, Jemma Walton (2024) analisa duas obras recentes: *Red Hood*, de Elana Arnold (2020), e *Blood Moon*, de Sarah Cuthew (2020). Essas narrativas, publicadas décadas após o clássico *Are You There God? It's Me, Margaret*, de Judy Blume (1970), refletem a incorporação de discursos contemporâneos ligados ao ativismo menstrual e ao feminismo. Walton argumenta que as protagonistas são retratadas em confronto com estruturas misóginas e lutam por protagonismo feminino, ainda que a representação de personagens masculinos, por vezes, recaia em binarismos simplificadores e estereótipos negativos.

Ellen Barth (2022), em *No Taxation for Menstruation: The Book's Role in Menstrual Activism*, discute a função dos livros na mobilização em prol da justiça menstrual no século XXI. A autora destaca o papel de obras como *The Tampon Book* — publicação que denuncia a taxa de produtos menstruais na Alemanha — como catalisadoras de debates políticos e culturais. Ainda que o foco do artigo recaia sobre o público adulto, Barth menciona livros infantojuvenis que vêm influenciando positivamente o ativismo menstrual, a exemplo da série *Menstrupedia Comic*, criada por Aditi Gupta e Tuhin Paul (2015), que articula narrativas em quadrinhos, educação digital e ações escolares na Índia para desestigmatizar a menstruação e promover dignidade menstrual.

Já Jennifer Ramsey (2018), no artigo *Menstruation Education: Critical Reading of Children's Books Teaching About Puberty*, analisa sete obras infantojuvenis voltadas à educação sobre a puberdade. A autora demonstra que muitas dessas publicações apresentam conteúdos biológicos incompletos e reforçam narrativas de vergonha, silenciam o corpo menstruante e perpetuam estigmas, ao invés de oferecerem abordagens críticas e informativas.

Por sua vez, Clarissa Pokorny-Golden (2015), em *The Censoring of Menstruation in Adolescent Literature: A Growing Problem*, investiga práticas de censura em obras que abordam a menstruação como temática central. A autora atribui a esse processo

ensor a escassez de livros infantojuvenis sobre menstruação nos Estados Unidos, destacando casos como *Anne Frank: The Diary of a Young Girl*, frequentemente alvo de objeções não por tratar do Holocausto, mas pelas passagens em que Anne Frank descreve sua menarca e as transformações corporais associadas à puberdade.

O diário de Anne Frank, originalmente publicado em 1947, tem sido utilizado como recurso pedagógico no ensino de temas ligados à puberdade e à sexualidade no contexto norte-americano (Delaney; Lupton; Toth, 1988; Pokorny-Golden, 2015). O relato de Anne sobre a própria menarca — “Sempre que fico menstruada [...] sinto que estou carregando um doce segredo” (Frank, 2019, p. 683) — contrapõe-se às representações negativas e estigmatizantes da menstruação, ressignificando a experiência como reveladora e positiva. Fragmentos do diário, anteriormente suprimidos por seu pai e só revelados após sua morte, contribuíram para o reconhecimento da obra como um marco da literatura juvenil que, mesmo assim, segue sendo alvo de censura em determinados contextos escolares.

A força simbólica desse relato ultrapassou a esfera literária, inspirando produtos de higiene menstrual e materiais educativos (Museum of Menstruation and Women’s Health, 2016), em contraposição a abordagens biomédicas que consideravam o sangue menstrual como tóxico (Whealan, 1978). Paralelamente, *Are You There God? It’s Me, Margaret*, de Judy Blume, frequentemente classificado como “pornográfico” por setores conservadores (Pokorny-Golden, 2015), foi adaptado para o cinema em 2023 sob o título *Crescendo Juntas*, reacendendo o debate sobre a presença da menstruação na cultura midiática.

No mesmo artigo, Pokorny-Golden analisa ainda os livros *Sloppy Firsts*, de Megan McCafferty, e *Lovingly Alice*, de Phyllis Reynolds Naylor, ambos alvos de tentativas de banimento por abordarem temas como sexualidade, gênero e menstruação. A American Library Association (ALA) denuncia sistematicamente esses episódios de censura, revelando o incômodo persistente diante da explicitação do corpo feminino em transformação.

Complementando essas análises, Maria Tatar (2014), em *Show and Tell: Sleeping Beauty as Verbal Icon and Seductive Story*, examina o conto *A Bela Adormecida* como alegoria da menstruação e dos ritos de passagem femininos. A autora sugere que o sangramento provocado pela roca, seguido pelo longo sono da princesa, representa simbolicamente a menarca e a reclusão tradicionalmente imposta às meninas em diversas culturas.

Tal leitura se articula com a perspectiva de Delaney, Lupton e Toth (1988), que analisam os contos de fadas como metáforas dos ciclos menstruais. As autoras interpretam a narrativa clássica como representação de um percurso arquetípico: da inocência à maturidade, passando pela dor, pelo sangue, pela morte simbólica e pelo renascimento, culminando no casamento — metáfora da integração à vida adulta e reprodutiva. A sequência cromática recorrente (branco-vermelho-preto), associada à figura da Grande Deusa (a jovem, a mãe, a anciã), reforça a leitura menstrual dessas histórias.

Um exemplo clássico de conto que simboliza a menstruação é *A Bela Adormecida*, onde a princesa se fere com a roca de fiar, provocando um sangramento que desperta uma maldição imposta por uma feiticeira invejosa. Como observa Maria Tatar (2015), a princesa, então, cai em um sono profundo, e somente um beijo de amor pode despertá-la. Para Tatar, além de representar a menstruação, esse conto reflete a reclusão imposta às meninas após a menarca, prática observada em diversas culturas. De forma semelhante, o conto de "Rapunzel" também simboliza a reclusão de muitas meninas após a primeira menstruação, como ocorre em várias etnias da África, Ásia, Índia e nas ilhas do Pacífico Sul, onde as jovens são isoladas de suas comunidades durante a puberdade e, frequentemente, são cuidadas por mulheres mais velhas da etnia, relembrando o encontro com as feiticeiras e anciãs descrito por Delaney, Lupton e Toth (1988).

Muitos dos temas e alusões menstruais nos contos-de-fadas são filtrados pela personagem da bruxa, uma figura que aparece de alguma forma na maioria dos contos ocidentais e que está intimamente associada ao medo da menstruação. Mas, certos elementos-chave da trama também lembram as práticas de reclusão na menarca e de evitação da mulher menstruada, comuns às sociedades primitivas e também a muitas sociedades avançadas. Assim, as jovens heroínas dos contos-de-fadas são apresentadas como donzelas na puberdade que devem passar por algumas provações antes de serem autorizadas a viver felizes para sempre com o Príncipe Encantado. Além disso, os padrões de imagem e os motivos simbólicos repetidos baseiam-se fortemente na progressão de cores branco-vermelho-preto da Grande Deusa e no sangue e nas flores como componentes essenciais do desenvolvimento do enredo. (Delaney; Lupton; Toth, 1988, p. 161-162, tradução nossa)

O encontro final com o príncipe encantado também é parte integrante do imaginário menstrual. Como Delaney, Lupton e Toth (1988) sugerem, a puberdade e a menarca são simbolicamente representadas pela interação com o príncipe encantado, que desperta a heroína, sinalizando sua prontidão para o casamento, um desfecho comum em muitos desses contos.

Além de *A Bela Adormecida*, os contos de *Branca de Neve* e *Chapeuzinho Vermelho* são lidos por Delaney, Lupton e Toth (1988) como expressões simbólicas da menarca. No primeiro, o sangue derramado pela mãe de Branca de Neve durante a costura remete à fertilidade e ao desejo de maternidade. No segundo, a capa vermelha da protagonista e seu percurso pela floresta sinalizam a travessia da infância à puberdade, enquanto o encontro com o lobo sugere o contato com a alteridade e com as forças instintivas emergentes no processo de amadurecimento.

Em *Branca de Neve e os Sete Anões*, a mãe da princesa fere seu dedo ao costurar, e um pingo de sangue cai sobre a neve. A partir dessa visão, ela deseja ter uma filha branca como a neve e com lábios cor de sangue, o que, segundo Delaney, Lupton e Toth (1988), além de simbolizar a menstruação, remete à maternidade e ao desejo de ser mãe, aspectos que surgem após a menarca.

Em *Chapeuzinho Vermelho*, a capa vermelha recebida pela protagonista de sua mãe, confeccionada por sua avó, simboliza a ancestralidade e as memórias menstruais transmitidas entre gerações de mulheres. Ao deixar a casa de sua mãe para levar doces à avó, Chapeuzinho Vermelho adentra a puberdade. Segundo Delaney, Lupton e Toth (1988), o desvio do caminho na floresta e o encontro com o lobo podem ser interpretados como a manifestação dos aspectos selvagens da menina, que emergem durante o processo de menstruação.

Essa análise das narrativas clássicas revela como os contos de fadas funcionam como representações simbólicas das experiências menstruais, refletindo tanto as dificuldades quanto as transformações associadas à puberdade e à passagem para a vida adulta, permeadas pelos tabus e rituais culturais que cercam a menstruação.

No contexto brasileiro, a produção acadêmica sobre as representações da menstruação na literatura infantojuvenil ainda é incipiente. Uma pesquisa realizada nas mesmas bases e com os mesmos descritores identificou apenas estudos iniciais conduzidos pelo Grupo de Pesquisa em Educação e Saúde (GEPS), da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Por outro lado, tem crescido o interesse acadêmico por temas considerados social e culturalmente sensíveis na literatura para crianças e jovens. Nesse campo, destacam-se os trabalhos desenvolvidos pelo Núcleo de Estudos sobre Currículo, Cultura e Sociedade (Neceso), também da UFRGS. Um exemplo significativo é o estudo de Rosa Maria Hessel Silveira e Bruna Rocha Silveira (2016), que analisaram a representação de doenças raras em quatro obras destinadas ao público adolescente. As autoras concluíram que a literatura infantojuvenil tem se

mostrado aberta à abordagem de temas desafiadores, mobilizando recursos literários e criatividade para explorar os sentimentos e as complexidades implicadas nessas experiências.

Em uma pesquisa subsequente, Rosa Maria Hessel Silveira, Patrícia Aparecida Machado e Bruna Rocha Silveira (2020) analisaram as produções narrativas de crianças após a leitura de um livro sobre a morte. O estudo revelou que a leitura propiciou às crianças a oportunidade de escrever sobre o tema, facilitando a compreensão de experiências familiares vividas. Os resultados indicaram que a literatura, ao abordar questões complexas e desafiadoras, pode se configurar como uma ferramenta valiosa para atribuir sentido à vida, oferecendo às crianças uma via de reflexão e compreensão sobre aspectos profundos e muitas vezes difíceis de lidar emocionalmente.

Para concluir

Inspiradas nas reflexões de Tomaz Tadeu da Silva (2007), partimos da compreensão de que é na imersão nas práticas culturais — espaços em que os sujeitos elaboram e disputam significados — que se tornam visíveis as transformações no ativismo e na educação menstrual nas últimas décadas. Observamos, inicialmente, mudanças culturais impulsionadas, em parte, pelo ativismo menstrual, as quais resultaram em formas distintas de narrar a menstruação. Como demonstram os estudos de Clarissa Pokorny-Golden (2015) e Jemma Walton (2024), tais deslocamentos discursivos incidiram diretamente sobre as representações literárias do ciclo menstrual: algumas narrativas incorporaram os discursos advindos do ativismo; outras foram alvo de censura; e há ainda aquelas que serviram de inspiração para movimentos mais recentes.

Na América Latina, o movimento *Ni Una Menos* (Sala, 2020) inaugurou um novo ciclo de mobilizações voltadas à construção de uma educação menstrual crítica e emancipadora. Iniciativas como o projeto *Princesas Menstruantes* (Ramírez, 2015) fomentaram publicações, encontros e práticas pedagógicas inovadoras, contribuindo para a produção de outras formas de narrar a menstruação. Essas mobilizações extrapolaram o campo educativo, reverberando também em políticas públicas, na criação de produtos voltados à gestão do ciclo menstrual e até na consolidação de novas ocupações, como a de educadora menstrual.

A popularização dos saberes da *Ginecologia Natural*, especialmente por meio de redes sociais, cursos on-line, ativistas e influenciadoras, tem contribuído para consolidar

essas práticas como uma nova gramática no campo da educação menstrual. Nesse cenário, delineia-se uma confluência entre saberes ancestrais, discursos contemporâneos de empoderamento feminino e estratégias de autocuidado, compondo um campo complexo, dinâmico e em permanente disputa.

As análises empreendidas neste estudo — de natureza preliminar e fundamentadas em revisão crítica de literatura e de iniciativas culturais — permitiram responder à questão de pesquisa que o orientou: como estas transformações culturais, em relação à menstruação, causaram efeitos na literatura infantojuvenil? Evidenciou-se que tais transformações, embora atravessadas por disputas simbólicas e resistências, vêm contribuindo para o surgimento de obras que rompem com o silenciamento histórico da menstruação, promovem discursos mais plurais e oferecem novos modos de subjetivação para leitoras e leitores. Reforça-se, assim, a importância de estudos futuros que aprofundem essas representações em contextos diversos, especialmente no Brasil e em outros países latino-americanos, com vistas a ampliar a compreensão sobre esse fenômeno biológico, cultural e político, e a subsidiar práticas educativas e políticas públicas comprometidas com a justiça menstrual.

Referências

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm Acesso em: 04 de jun. de 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Decreto n. 11.432, de 8 de março de 2023*. Regulamenta a Lei nº 14.214, de 6 de outubro de 2021, que institui o Programa de Proteção e Promoção da Saúde Menstrual. Brasília: Ministério da Saúde, 2023. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2023/decreto/d11432.htm. Acesso em: 13 de março de 2024.

4º ENCUESTRO LATINOAMERICANO DE PRÁCTICAS DE EDUCACIÓN MENSTRUAL. Colômbia: 2023. Disponível em: <https://escueladeeducacionmenstrual.com/4to-encuentro-2023/> Acesso em: 01 de abr. de 2024.

BARTH, Ellen. No Taxation for Menstruation: The Book's Role in Menstrual Activism. *Mémoires du livre: Studies in Book Culture*. Volume 13, Number 2, Fall 2022, p. 1–30. Disponível em: <https://www.erudit.org/en/journals/memoires/2022-v13-n2-memoires08103/1100560ar/>. Acesso em: 20 de março de 2024.

BAUMGARTEN, Nicole Cristine. Menstruapps: da datificação de sujeitos menstruantes à biopolítica de si. *Anais da ReACT - Reunião de Antropologia da Ciência*

e Tecnologia. v. 5 n. 5. 2022. Disponível em:
<https://ocs.ige.unicamp.br/ojs/react/issue/view/100> Acesso em: 12 de março de 2024.

BOBEL, Chris. FAHS, Breanne. The Messy Politics of Menstrual Activism. In: BOBEL, Chris et al. *The Palgrave Handbook of Critical Menstruation Studies*. New York, 2020. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/books/NBK565605/> Acesso em: 10 nov. 2024

CAMOZZATO, V. C. Pedagogias do Presente. *Educação & Realidade*, [S. l.], v. 39, n. 2, 2014. Disponível em:
<https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/34268>
Acesso em: 10 nov. 2024

CHICAGO, Judy. *Red Flag*. New York, 1971.

COLOMER, Teresa. *A Formação do Leitor Literário*. São Paulo: Global, 2003.

COSMOPOLITAN. *The Year the Period Went Public*. Nova York, 2015. Disponível em: <https://www.cosmopolitan.com/health-fitness/news/a47609/2015-the-year-the-period-went-public/> Acesso em: 01 de novembro de 2023.

CUPTA, Aditi. PAUL, Tuhin. *MenstrupediaComic*. Menstrupedia, 2015.

DELANEY, Janice. LUPTON, Mary Jane. TOTH, Emily. *The Curse: a cultural history of menstruation*. University of Illinois: Press, 1988.

DIAMANT, Anita. *A Tenda Vermelha*. Rio de Janeiro: Verus, 2018.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. *Mulheres que Correm com os Lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem*. Rio de Janeiro: Rocco, 2018.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. São Paulo: Martins Fontes, 2019.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade IV: as confissões da carne*. Rio de Janeiro: Graal, 2020.

FOUCAULT, Michel. *O nascimento da Biopolítica: curso dado no Collège de France (1978-1979)*. São Paulo: Martins Fontes 2008.

FRANK, Anne. *Anne Frank – obra reunida*. Rio de Janeiro: Record, 2019.

FREMON, Kelly. *Crescendo Juntas*. Estados Unidos, 2023

GIROUX, Henri. A Disneyzação da Cultura Infantil. In: Silva, Tomaz Tadeu; Moreira, Antônio Flávio. *Territórios contestados*. Campinas: Mercado das Letras, 1995a.

GIROUX, Henri. *Memória e Pedagogia no Maravilhoso Mundo Disney*. In: Silva, Tomás Tadeu da. *Alienígenas em sala de aula*. Petrópolis, Vozes, 1995b.

GIROUX, Henri. Os filmes da Disney são bons para seus filhos? In: STEINBERG, Shirley R. KINCHELOE, Joe L. *Cultura Infantil: a construção corporativa da infância*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

KINNEY, Jack. *The Story of Menstruation*. Walt Disney Animation Studios, Walt Disney Pictures, International Cellucotton Company, 1946.

KISSLING, Elizabeth Arveda. Menstruation as Narrative. In: BOBEL, Chris et al. *The Palgrave Handbook of Critical Menstruation Studies*. New York, 2020. P. 865-868.

LARROSA, Jorge. *La experiencia de la lectura*. Barcelona: Laertes, 1996.

MANICA, Daniela Tonelli. A Desnaturalização da Menstruação: hormônios contraceptivos e tecnociência. *Horizontes Antropológicos*, 17 (35), 197-226, 2011.

LYNDSAY, Richard. Menstruation as Heroine's Journey in Pan's Labyrinth. *Journal of Religion & Film*, v.16, 2012.

MANICA, Daniela Tonelli. GOLDENBERG, Regina Coeli dos Santos. ASENSI, Karina Dutra. *CeSaM, as Células do Sangue Menstrual: Gênero, tecnociência e terapia celular*. *Interseções*, 20 (1), 2018. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/intersecoes/article/view/35862> Acesso em: 12 de dez. de 2023

MARTIN, Michelle H. Periods, Parody, and Polyphony: Fifty Years of Menstrual Education through Fiction and Film. *Children's Literature Association Quarterly*, vol. 22 no. 1, 1997, p. 21-29.

MARTÍN, Pabla San. *Manual de Introdução à Ginecologia Natural*. Ginecosofia, 2020.

MUSEUM OF MENSTRUATION AND WOMEN'S HEALTH. *Anne Frank*. 2016. Disponível em: <http://www.mum.org/anne.htm> Acesso em: 15/03/2022.

PLAN INTERNATIONAL UK. #Periodemoji Let's Break The Period Taboo. Londres, 2023. Disponível em: https://plan-uk.org/act-for-girls/join-our-campaign-for-a-period-emoji?utm_campaign=blood-drop-emoji&utm_medium=organic-social&utm_source=twitter-graphic&utm_content=WTAB19Y03Z . Acesso em: 01 de nov. de 2023.

POKORNY-GOLDEN, Clarissa. *The Censoring of Menstruation in Adolescent Literature: A Growing Problem*. *Women's Reproductive Health*, Filadélfia, v.2, p. 56-65, 2015.

PRADO, Isabel Cristina de Almeida. Políticas Públicas sobre a Saúde Menstrual no Brasil: Olhares pelas Lentes dos Movimentos Sociais da Menstruação. *Mediações*, Londrina, v. 29, n.1, p. 1-17, jan.-abr. 2024.

RAMÍREZ, Carolina. *El Vestido de Blancanieves se Manchó de Rojo*. Colômbia, 2016.

RAMÍREZ, Carolina. *Escuela de Educación Menstrual Emancipadas*. Colômbia, 2023a. Disponível em: <https://escueladeeducacionmenstrual.com/>. Acesso em: 01 de abr. de 2024.

RAMÍREZ, Carolina. *La Aventura del Óvulo*. Colômbia, sem data.

RAMÍREZ, Carolina. *Menstrúa: por la educación, la salud y los activismos menstruales em Abya Yala*. Colômbia, 2023b. Disponível em: <https://escueladeeducacionmenstrual.com/revista-menstrua/> . Acesso em: 01 de abr. de 2024.

RAMÍREZ, Carolina. *Princesas Menstruantes – Narrativas Emancipadoras*. Colômbia, 2023c. Disponível em: <https://escueladeeducacionmenstrual.com/princesas-menstruantes/> . Acesso em: 01 de abr. de 2024.

RAMSEY, Jennifer. *Menstruation education: critical reading of children's books teaching about puberty*. Masters Thesis. San Francisco: San Francisco State University, 2018.

SALA, Núria Calafell. Menstruación decolonial. *Revista de Estudos Feministas*, v. 28 (1), 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/sgNRqkpgRgWjfv56ywQYxpp/?format=pdf&lang=es>
Acesso em: 28 set. 2023.

SARDENBERG, Cecília Maria. De Sangrias, Tabus e Poderes: a menstruação numa perspectiva sócio-antropológica. *Revista de Estudos Feministas*, Florianópolis, v.2, n.2, pág. 314-344, 1994.

SHAKESPEARE, William. *Hamlet*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

SHI, Domee. *Red: Crescer é uma Fera*. Walt Disney Pictures, Pixar Animation Studios, 2022.

SILVA, Tomaz. Tadeu da. *Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. MACHADO, Patrícia Aparecida. SILVEIRA, Bruna. Rocha. *Contando Histórias de quem Dormiu para Sempre: narrativas infantis motivadas pela leitura literária*. *Revista Educação em Questão*, Natal, v. 58, n. 55, pág. 1-26, jan./mar. 2020.

SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. SILVEIRA, Bruna Rocha. *A Doença na Literatura Infanto-Juvenil – análise de quatro obras contemporâneas*. Via Atlântica, São Paulo, v.1 n. 29, p. 389-406, 2016.

TATAR, Maria. Show and Tell: Sleeping Beauty as Verbal Icon and Seductive Story. *Marvels & Tales*, 28.1, 2014. Disponível em: <https://digitalcommons.wayne.edu/marvels/vol28/iss1/10> . Acesso em: 20 de março de 2024.

THE GUARDIAN, *Bloody brilliant: new emoji to symbolize menstruation welcomed*. Londres, 2019. Disponível em: <https://www.theguardian.com/technology/2019/feb/09/period-emoji-menstruation-blood-donation>. Acesso em: 01 de nov. de 2023.

TIBURI, Márcia. Ofélia Morta – do discurso à imagem. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, 18(2), 2010, p. 301-318. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/FLkMKc8z7wqcBCKSyHcBrdw/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 27 set. 2023.

TORO, Guilherme del. *O Laririnto do Fauno*. Warner Bros. 2006.

TORO, Guilherme del. FUNKE, Cornelia. *O Laririnto do Fauno*. Gávea: Intrínseca, 2019.

UNICEF. *Pobreza Menstrual no Brasil: Desigualdades e violações de direitos*. UNICEF, 2021. Disponível em: https://www.unicef.org/brazil/media/14456/file/dignidade-menstrual_relatorio-unicef-unfpa_mai2021.pdf. Acesso em: 01 de nov. de 2023.

WALTON, Jemma. They are not all wolves: menstruation, young adult fiction and nuancing the teenage boy. *Med Humanit*. 2024 Feb 22;50(1):21-29. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/37714704/>. Acesso em: 18 de agosto de 2024.

WHEALAN, E. M. *Attitudes Toward Menstruation*. *Studies in Family Planning*, v. 6, n. 4, 1978.

ZEHTABCHI, Rayka. *Absorvendo o Tabu*. Netflix, 2019.

Recebido em novembro de 2024.

Aprovado em junho de 2025.